




AS CRIANÇAS SEM TERRINHA E O ENFRENTAMENTO À PANDEMIA DE COVID-19: COMO BRINCAR, SORRIR E LUTAR NESSE CONTEXTO?

The landless children and coping with the covid-19 pandemic: how to play, smile and fight in this context?


Márcia Mara **RAMOS**
Setor de Educação Nacional do MST
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil
marciapterra@gmail.com


<https://orcid.org/0000-0001-6698-0169> 

Valter de Jesus **LEITE**
Setor de Educação Nacional do MST
Universidade Estadual de Maringá – UEM
Maringá, Brasil
valterleitemstpr@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3896-1654> 

Janaína Ribeiro **REZENDE**
Setor de Educação Nacional do MST
Universidade Federal do Tocantins – UFT
Tocantinópolis, Brasil
janaina.rezende@mail.uft.edu.br

<https://orcid.org/0000-0001-7971-4097> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

A pandemia do novo coronavírus escancarou as consequências da crise econômica, política, sanitária, ambiental e civilizatória oriunda do modo de desenvolvimento capitalista. Tais contradições expõem ainda mais as crianças e mulheres às condições de vulnerabilidade e violação de direitos. A suspensão das aulas presenciais, o trabalho remoto ou a manutenção do trabalho presencial, bem como o desemprego e a instabilidade econômica provocaram o aumento da violência doméstica. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, busca enfrentar essas circunstâncias por meio da produção de alimentos saudáveis e da solidariedade, expressa na doação de comida às populações ameaçadas pelo vírus e a fome. A promoção da cultura, da literatura e do brincar das crianças Sem Terrinha, persistem enquanto forma de resistir ativamente e esperar em meio à pandemia, combinado à disputa do sentido da educação, ao se opor à mercantilização e esvaziamento do processo formativo da classe trabalhadora.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças Sem Terrinha. Pedagogia do Movimento. Pedagogia do capital. Desigualdade social

ABSTRACT

The new coronavirus pandemic opens up the consequences of the economic, political, health, environmental and civilization crisis resulting from the capitalist development mode. Such contradictions expose even more children and women to conditions of vulnerability and violation of rights. The suspension of presential classes, remote work or maintenance of presential work, as well as unemployment and economic instability, caused an increase in domestic violence. The Movement of Landless Rural Workers in Brazil, seeks to face these circumstances through the production of healthy food and solidarity, expressed in the donation of food to populations threatened by the virus and hunger. The promotion of culture, literature and the playing of landless children, persist as a way of actively resisting and hoping in the middle of the pandemic, combined with the dispute over the meaning of education, in opposing the commercialisation and emptying of the training process of the working class.

KEYWORDS: Landless children. Pedagogy of the Movement. Pedagogy of the Capital. Social Inequality.

INTRODUÇÃO

*Sei que nada será como está
Amanhã ou depois de amanhã
Resistindo na boca da noite um gosto de sol*
Milton Nascimento e Ronaldo Bastos (1972)

Escrevemos este artigo como um convite a pensar o lugar das crianças Sem Terra no contexto de pandemia mundial da covid-19, em um momento de aprofundamento dos ataques e investidas do pensamento liberal com práticas ultraconservadoras no Brasil. O objetivo do presente texto é refletir sobre como as crianças Sem Terrinha¹ tem vivenciado esse período pandêmico, além de discutir as formas que as escolas dos acampamentos, assentamentos e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST têm enfrentado essa crise.

Por se tratar de um processo recente, ainda em curso, faremos apontamentos iniciais, na tentativa de contribuir com a discussão do tema. Propomo-nos a apontar aspectos que podem somar na compreensão de como o MST e as crianças Sem Terrinha estão enfrentando este momento histórico, buscando trazer elementos para responder a nossa pergunta título: como brincar, sorrir, lutar nesse contexto?

A pandemia global acelera e escancara as tendências destrutivas oriundas da lógica do sistema econômico capitalista, acirrando suas tensões e contradições. O desequilíbrio gerado pela relação predatória do capital com a natureza é um dos fatores que cria condições para o surgimento e disseminação de doenças, como a covid-19 (NICHOLLS; ALTIERI, 2020).

O agronegócio e seu modelo produtivo, baseado na monocultura, no latifúndio, na superexploração da força de trabalho e dos recursos naturais, bem como no uso indiscriminado de agrotóxicos, além de aprofundar as desigualdades sociais e a concentração fundiária, contribui para a liberação de patógenos, que têm impactos no equilíbrio do planeta. As práticas do agronegócio, baseadas em uma agricultura industrial, o desmatamento de diferentes biomas e a diminuição da biodiversidade, têm vinculação direta com a promoção da pandemia em curso e outras doenças vivenciadas no século XXI (NICHOLLS; ALTIERI, 2020).

O contágio do novo coronavírus em escala planetária, além de disseminar o vírus, desnudou as vísceras do fracasso das políticas neoliberais e o caráter racista, patriarcal

¹ Sem Terrinha é a identidade política que as crianças que participam do Movimento Sem Terra em todo país escolheram para serem chamadas (RAMOS, 2016).

e violento da estrutura social capitalista de extermínio. O legado de austeridade das políticas neoliberais demonstra sua incapacidade de enfrentar a crise econômica, social, ambiental e sanitária que assola o mundo atualmente, gerada e intensificada pelo capitalismo.

As insuficientes medidas adotadas pelo governo brasileiro no enfrentamento da covid-19 e a ausência de uma política social efetiva, que atenuasse os efeitos econômicos da pandemia, agravaram os impactos da pandemia atingindo a população, principalmente, os grupos mais vulneráveis. As decisões na área educacional vão no mesmo sentido. A suspensão das aulas e a imposição de um ensino remoto, implementado às custas da superexploração do trabalho docente, e a proliferação da compra de pacotes tecnológicos, precariza ainda mais o acesso ao conhecimento e acentua o processo de mercantilização da educação, aumentando as desigualdades educacionais no país.

Nesse contexto, pensar como as crianças têm vivenciado essas contradições é fundamental para conseguirmos mitigar os efeitos dessa crise sobre elas. Para tanto, é necessário conhecer a diversidade das infâncias que existem no Brasil. As crianças Sem Terrinha fazem parte desse mosaico de culturas infantis e de jeitos de ser criança, em uma sociedade desigual como o Brasil.

Considerando que a infância é um tempo importante para a formação da vida, na sociedade capitalista, o pleno exercício do direito à infância é limitado, ao negar, historicamente, um “lugar” social às crianças, impedindo-as da ação política. Para tanto, a educação burguesa não promove a vivência crítica e criativa da criança, o que restringe o seu desenvolvimento integral.

Na contra-hegemonia, o MST busca garantir a participação política e uma educação que respeite o lugar da infância no Movimento. Os tempos de pandemia impõem novos desafios a essa caminhada, seja pelos aspectos da crise que a sociedade brasileira enfrenta; pelas contradições que a educação remota inaugura na vida das professoras e professores, famílias e crianças; pelos problemas de acesso à *internet* e dificuldades de apropriação das tecnologias da informação e comunicação que muitas pessoas têm vivenciado nos acampamentos e assentamentos.

Mesmo assim, crianças, jovens, educadoras, educadores e militantes Sem Terra têm disputado o sentido das narrativas possíveis desse período, a partir da vivência da solidariedade e da formação humana, como instrumentos imprescindíveis para enfrentar o vírus e o capital.

As autoras e o autor desse artigo fazem parte do Coletivo de Educação e do trabalho educativo do MST. Dessa forma, a nossa atuação no Movimento Sem Terra, bem como, nossa trajetória de pesquisa, constituem a nossa *práxis* de educadores populares nas escolas do campo e com a infância Sem Terra, que subsidiou a elaboração deste texto. Com vistas a buscar sistematizar algumas das experiências infantis e das ações que estão sendo desenvolvidas com as crianças Sem Terrinha durante a pandemia, metodologicamente recorreremos a pesquisa bibliográfica, documental e a depoimentos das crianças extraídos de transmissões ao vivo.

Para apresentar os resultados do estudo, organizamos o artigo da seguinte forma: uma breve apresentação dos impactos da *Pedagogia do Capital* sobre a vida das crianças do campo, em especial, as crianças Sem Terrinha; em seguida, discutiremos, sinteticamente a *Pedagogia do Movimento*, forjada na luta pela terra como forma de resistir ao modelo de educação hegemônico; na sequência, debateremos a *infância Sem Terra*, pontuando como se dá a participação infantil no MST e algumas das experiências desenvolvidas com as crianças Sem Terrinha durante a pandemia; finalizamos o artigo com considerações preliminares sobre como as crianças Sem Terrinha assumem o desafio de brincar, sorrir e lutar nesse contexto.

PEDAGOGIA DO CAPITAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: O ENSINO REMOTO E A MERCANTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO

*"No meio do caminho tinha uma pedra",
Mas a ousada esperança
de quem marcha cordilheiras
triturando todas as pedras
da primeira à derradeira
de quem banha a vida toda
no unguento da coragem
e da luta cotidiana
faz do sumo beberagem*
Conceição Evaristo (2008)

As ações destrutivas do projeto do capital impactaram significativamente no funcionamento da sociedade, impondo um ritmo acelerado as nossas vidas. Somos bombardeados diariamente por muitas informações, sem que haja tempo de processar e avaliar a veracidade de tudo que chega até nós. Mesmo a pandemia interferindo no ritmo frenético da produção capitalista, os ataques aos direitos da classe trabalhadora se acentuaram e seguem o seu percurso normal. A pandemia do novo coronavírus é o assunto internacional, mas pouco se fala e se combate a *pandemia da fome*, da pobreza, das desigualdades na América Latina. Todos os anos, milhares de crianças morrem por desnutrição crônica e diarreia (ROSENMAN, 2020). Em relatório de julho de 2020, a

OXFAM propõe taxar riquezas para enfrentar a crise da covid-19 na América Latina e Caribe, pois desde o início do isolamento, oito novos bilionários surgiram na região. O documento aponta que “a pobreza, a extrema pobreza e a desigualdade aumentarão em todos os países”, pois estima-se que até 52 milhões de pessoas se tornarão pobres e 40 milhões perderão seus empregos no ano de 2020, enquanto novos bilionários surgem a cada duas semanas. Um retrocesso de 15 anos na história de luta contra a pobreza na América Latina, uma “nova crise, sobre as velhas desigualdades” (OXFAM, 2020).

O acirramento da crise pela pandemia de covid-19 acelerou a implementação de um conjunto de tendências em andamento, orquestradas pelo projeto neoliberal, que já impactavam no âmbito educacional e na saúde das crianças. Tais medidas aprofundam seus impactos na vida das crianças, na dimensão afetiva e emocional. Para além do temor e tensões advindas dos riscos de adoecer, morrer ou perder entes para o vírus, as crianças sentem na pele as contradições das políticas neoliberais impostas pelas corporações privadas, por meio dos pacotes educacionais remotos, acentuando a desigualdade educacional do país.

Isso ocorre pelo fato de a *Pedagogia da Pandemia*² potencializar a incidência da Pedagogia do Capital³, para constituir o consenso do conjunto da população sobre as prioridades do plano econômico atrelado ao projeto político-ideológico da burguesia internacional⁴ (MARTINS; NEVES, 2012). Trata-se de um complexo e amplo processo formativo, articulado pelos organismos internacionais, organizações nacionais e regionais que atuam como intelectuais coletivos (GRAMSCI, 2001).

A Pedagogia do Capital atua pelo menos em duas grandes frentes para alcançar os objetivos da classe dominante. De um lado, promove “a assimilação subordinada das várias frações da classe trabalhadora ao projeto dominante”, por outro lado, destina-se “também a educar as frações subordinadas da classe dominante, de modo a torná-las corresponsáveis pelo projeto político do capital em seu conjunto” (MARTINS; NEVES, 2012, p. 541). Para isso, os intelectuais orgânicos singulares e coletivos da burguesia exercem o papel das frações da burguesia nas instâncias executivas e legislativas no

² A referência à “Pedagogia da pandemia” foi inspirada no *rap* composto por artistas populares do MST para narrar, em forma de música, os impactos da covid-19 na vida da população, que agravam as desigualdades sociais e a miséria no Brasil (LUI MC; ZAMURA; MULLER, 2020).

³ Denominamos de “Pedagogia do Capital” o conjunto das estratégias que a burguesia internacional, regional e nacional utiliza para manter a hegemonia do projeto político-econômico neoliberal, conceituado por Martins e Neves (2012) e Neves (2005) como “Pedagogia da Hegemonia”.

⁴ São exemplos desses organismos: o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional (FMI), a Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

interior do aparelho estatal para implementar e favorecer mediante políticas públicas os interesses privados de grandes corporações (MARTINS; NEVES, 2012).

No Brasil, os efeitos da Pedagogia do Capital são evidentes com a reforma da aparelhagem estatal pelos governos de Fernando Henrique Cardoso, que criou condições políticas e jurídicas para uma incidência mais efetiva do setor privado nas políticas públicas (MARTINS; NEVES, 2012). Houve um aprofundamento dessa lógica no período dos dois governos de Luiz Inácio Lula da Silva⁵. Segundo Martins e Neves (2012), nesse momento, sedimentaram-se as diretrizes e as práticas da educação da sociabilidade do capitalismo neoliberal de terceira via, emergindo da política de conciliação entre setores da classe trabalhadora e a classe burguesa em seu conjunto, as ações educadoras do novo governo.

Desde o golpe jurídico, parlamentar e midiático, que impediu a continuidade do mandato presidencial de Dilma Rousseff, está em curso um amplo processo de destruição do Estado, com maior controle social, ações de socialização e de conformação social orquestradas por aparelhos privados de hegemonia do capital e o Estado. O governo interino de Michel Temer empreendeu a Emenda Constitucional nº 95, que congelou por 20 anos os investimentos na saúde, educação e áreas sociais. O conluio entre setores ultraconservadores vinculados às igrejas neopentecostais, aos militares e aos interesses internacionais da extrema-direita agrava a violência estatal dirigida contra a classe trabalhadora. O êxito da Pedagogia do Capital no governo de Jair Bolsonaro é capitaneado por Paulo Guedes na estruturação do Ministério da Economia para reduzir o Estado e privatizar as estatais e instituições brasileiras.

Pensando a realidade da infância das classes populares do campo e da cidade, qual o impacto do projeto neoliberal na vida das crianças no Brasil? Certamente, se a criança não vive em um ambiente com condições como habitação digna, alimentação necessária para o seu desenvolvimento, educação e saúde, o impacto será determinante na sua formação. Análise publicada pela *Save the Children* e o Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF (2020) alerta que se nenhuma medida for tomada e efetivada, até o final de 2020, com a pandemia, chegaremos a 86 milhões de crianças em situação de pobreza no mundo. No Brasil, segundo Relatório Pobreza na Infância e Adolescência, produzido pelo UNICEF em 2018, “61% das meninas e dos meninos brasileiros vivem

⁵ Sob a aparente ampliação da democracia, as estratégias da nova pedagogia da hegemonia “atuaram na conformação dos trabalhadores sob dois pilares concomitantes – o empreendedorismo e o colaboracionismo –, formando os brasileiros do século XXI nos limites da nova sociabilidade burguesa” (MARTINS; NEVES, 2012, p. 545).

na pobreza – sendo monetariamente pobres e/ou estão privados de um ou mais direitos”.

As estratégias da Pedagogia do Capital promovem uma formação ideológica completamente atrelada aos interesses da classe dominante, por meio da escola, da cultura e da comunicação desde a mais tenra idade. Objetivam implementar políticas para conformar moralmente e intelectualmente o “conjunto da população a um padrão de sociabilidade (ou modo de vida) que responda positivamente às necessidades de crescimento econômico e de coesão social, em cada período histórico, nos marcos do capitalismo” (MARTINS; NEVES, 2012, p.541).

De acordo com Dardot e Laval (2016, p. 324-325) a mercantilização das relações produz o indivíduo liberal, que incide na formação do sujeito plural, proprietário de si mesmo, concebendo uma “liberdade subjetiva”, conduzindo o “novo governo dos homens que penetra até seu pensamento, acompanha, orienta, estimula, educa esse pensamento”, não só adestrando os corpos, mas gestando os corpos.

Para tanto, a Pedagogia do Capital se vale de variados modos de controle dos corpos. Sob a forma de “Estado encouraçado de coerção” (GRAMSCI, 2002), a violência direta é exercida sobre os grupos sociais que precisam ser contidos para a manutenção da ordem, o que fica explícito: no extermínio da juventude e da infância preta e periférica; no encarceramento em massa; no processo de medicalização da educação⁶, em que muitos comportamentos comuns à infância são diagnosticados como transtornos a serem medicados com drogas prescritas. Mas também se investe em processos de convencimento mais sofisticados e sutis.

Esse “novo sujeito moderno” é produto do final do século XX, “engendrados na figura do homem-empresa ou do sujeito empresarial” produziu uma formação “psíquica” de um “novo tipo” para alcançar o objetivo de reorganização da sociedade, das empresas e as instituições nas relações e comportamento mercantil, gestando esse ser humano neoliberal que é o ser competitivo, inteiramente imerso na competição mundial (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 321-322).

Os organismos internacionais, principalmente o Banco Mundial, têm orientado a política educacional mundialmente, desde o Relatório Jacques Delors “Educação; um

⁶ O processo de medicalização da vida consiste em tratar questões sociais como um problema exclusivamente orgânico, restrito ao funcionamento biológico do indivíduo, desresponsabilizando Estado e sociedade por gerar a questão. No caso da educação, o discurso medicalizante tem sido recorrente para justificar o fracasso escolar, a partir do diagnóstico de transtornos, como Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), Transtorno Opositivo Desafiador (TOD), entre outros, cujo tratamento prevê o consumo de medicamentos psicotrópicos. Dessa maneira, a dificuldade escolar da criança é atribuída a ela, sem considerar o contexto econômico, social, as condições de ensino, a realidade escolar (REZENDE, 2019).

Tesouro a descobrir", de 1996 (DELORS, 1998) ao documento intitulado "Aprendizagem para Todos – Estratégia 2020 para a Educação do Grupo Banco Mundial" (BANCO MUNDIAL, 2011). Objetivando disseminar uma concepção de educação que integra os indivíduos na sociedade com vistas à elevação de produtividade e ao desenvolvimento da nova sociabilidade exigida pelo capital. Trata-se de uma concepção empobrecida, meritocrática e neogerencialista, que reduz a formação escolar determinada pelas demandas do capital para formar "necessidades básicas de aprendizagem, competências e habilidades" na formação de recursos humanos – "capital humano"⁷, materializada no Brasil na forma da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e acelerada pelo 'ensino' via plataforma em meio à pandemia.

Com base nessa noção educacional de coisificação dos seres humanos, as entidades filantrópicas-empresariais de diferentes setores da sociedade: bancário, agrário, industrial e comercial (FREITAS, 2014; LEHER, 2014) atuam como intelectuais orgânicos (GRAMSCI, 2001) da classe dominante e desempenham, desde a década de 1990, um processo de "privatização por dentro" na educação brasileira (AVELAR, 2020) como parte da Reforma Empresarial da Educação (FREITAS, 2018). Os aparelhos privados de hegemonia do capital, como a Fundação Lemann, Instituto Natura, Fundação Itaú Social, Fundação Roberto Marinho, Fundação Bradesco e outras organizações empresariais, articulam-se em movimentos como o Todos Pela Educação – TPE e o Movimento pela Base Nacional Comum, contando com apoio governamental, desde o financiamento de suas ações até a abertura das escolas para desenvolverem seus projetos mercadológicos, num crescente processo de mercantilização da educação pública.

As corporações empresariais de ensino identificaram a pandemia como uma grande oportunidade para ampliar seus lucros, promovendo o uso de plataformas digitais e práticas não presenciais na educação, a fim de avançar na consolidação da hegemonia do Capital. A venda de pacotes tecnológicos justifica o crescimento exponencial do "capitalismo de plataforma" (TRICONTINENTAL, 2020).

No dia 2 de abril de 2020, o Grupo Banco Mundial, por meio de uma nota técnica intitulada "Políticas Educacionais na pandemia da Covid-19: o que o Brasil pode aprender com o resto do mundo?", apresentou o "receituário mágico" do uso de aplicativos e plataformas digitais no ensino, constituindo o ambiente de negócios para

⁷ "A chamada teoria do capital humano (TCH) atribui à educação um lugar estratégico capaz de produzir ganhos adicionais para o capital, desde que a socialização (em sentido durkheimniano) seja bem orientada e o adestramento profissional seja congruente com as demandas do capital" (LEHER, 2014, p. 71-72).

atender os interesses mercadológicos da classe dominante. Logo, no dia 8 de abril foi realizado um webnário para discutir a pandemia (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2020), promovido pela coalizão empresarial do Movimento Todos Pela Educação (TPE), Grupo Banco Mundial e o Conselho Nacional de Educação (CNE) com intuito de definir a agenda educacional nacional e enraizar o uso das plataformas.

O mercado existente do ensino remoto com pacotes educacionais de serviços e produtos via *internet* (nos celulares e nas redes sociais), via TV aberta ou pelo rádio, materiais digitalizados, vídeo-aulas, listas de exercícios e consultorias aos estados e municípios oferecidos pela filantropia-empresarial apropriam-se notadamente da educação pública e seu financiamento⁸. Combinando a ampla transferência de recursos públicos⁹ para iniciativa privada com os pacotes de ensino remoto, está em curso um abrangente processo formativo padronizado e descontextualizado prescrito pela BNCC, de remodelação cultural das crianças e jovens que tem como pilares a meritocracia, a livre concorrência e a expansão da individualização.

Os Governos Estaduais e as corporações privadas conduzem uma verdadeira tragédia educacional por meio de uma farsa de aprendizagem com o ensino remoto, para atender os interesses da classe dominante (NOVAES; OKUMURA, 2020). Além dos danos formativos próprios da natureza do projeto educacional neoliberal, a ganância do setor privado produz a acentuação da desigualdade educacional e social ao desconsiderar que 17% (4,8 milhões) das crianças e jovens entre 9 e 17 anos de idade vivem em casas sem acesso à *internet*, número que aumenta entre as crianças e jovens do campo, pois 25% delas não têm acesso à *internet* em sua residência.

Segundo dados da pesquisa TIC *Kids On line* Brasil (2020) referentes a 2019, nas regiões Norte e Nordeste, 21% das crianças e adolescentes e nas classes D e E 20% deles não dispõem de conexão com a rede em casa. Nessa mesma faixa etária, 11% (1.4 milhões) nunca acessaram a *internet* nem em casa nem no celular nos três meses anteriores à realização da pesquisa. A pesquisa TIC Educação (2018) reitera a

⁸ No Brasil, o "mercado educacional" foi o que mais cresceu em número de empresas entre 2013 e 2017, e a educação é o setor com mais *startups*, de acordo com o estudo feito pela Abstartups e o CIEB – Centro de Inovação para a Educação Brasileira. Considera-se que educação tenha um potencial enorme de lucro e seja um dos "últimos bastiões" estatais a ser explorado por empresas e investidores. Grandes empresas de tecnologia, como *Google* e *Microsoft*, têm buscado formas de explorar esse mercado, via atividades empresariais e filantrópicas, levando consigo sua filosofia de trabalho e visão de mundo (AVELAR, 2020).

⁹ Para exemplificar, no estado do Paraná até 14 de abril de 2020, o Governo Estadual já havia injetado R\$20,9 milhões em empresas de telefonia celular, contratadas para o uso de dados pelo aplicativo "Aula Paraná". Mais R\$900 mil foi pago a TV Record, para a transmissão de aulas através de canais abertos, além de R\$300 mil para a IP-TV LTDA, responsável pela construção de uma "plataforma" de *streaming* que dialogue com as operadoras de telefonia celular (APP, 2020).

desigualdade digital brasileira, ao revelar que 43% das escolas do campo declararam não possuir *internet* por falta de estrutura na região.

A precariedade do acesso às tecnologias de comunicação e infraestrutura aliados às insuficientes condições socioeconômicas para aquisição e manutenção de aparelhos individuais de acesso a elas configura um cenário “de extrema gravidade e profunda ameaça ao direito à educação dos povos tradicionais e camponeses, caso se insista na insana proposta de contar este período de atividades remotas como dias letivos” (FONEC, 2020, p.02).

Não há contrariedade com a introdução de uso tecnológico no processo de ensino e aprendizagem, as tecnologias podem e devem ser usadas, para aperfeiçoar a interação educador-estudante, mas jamais podem alimentar a desigualdade educacional, exclusão escolar ou sequer substituir o trabalho docente e as aulas presenciais, nem mesmo em tempo de pandemia. As plataformas digitais, instrumentos e práticas não presenciais da EaD, ampliam a exclusão escolar tanto pela não universalidade do acesso, quanto pela concepção educacional instrumental, pragmática e esvaziada de possibilidades formativas, prejudicando, principalmente, as crianças da classe trabalhadora do campo e da cidade (MST, 2020).

Ao impor a transferência da responsabilidade da mediação entre professor-estudante para os ombros da família, o ensino remoto, além de desqualificar o papel do professor e o direito de acesso ao conhecimento dos estudantes, constitui um ambiente de pressão, estresse parental e da violência psicológica. O contexto pandêmico potencializa situações de violência contra as crianças e mulheres, devido às tensões decorrentes do desemprego, falta de renda, convívio familiar intenso, ampliação do trabalho doméstico, entre outros agravantes.

A pandemia da desigualdade social e da pobreza atinge frontalmente as crianças brasileiras das periferias de centros urbanos, ribeirinhas, indígenas, quilombolas e Sem Terra, que possuem seus direitos básicos negados. Nesse contexto, o MST se desafia a propor uma educação libertadora, emancipadora, que vise a formação humana integral, fundada na Pedagogia do Movimento, tema que trataremos a seguir.

PEDAGOGIA DO MOVIMENTO E A INFÂNCIA SEM TERRA

*Eu sou criança e quero escola
Nela aprender e brincar de bola
Sou Sem Terrinha já sei lutar
Quero o direito de estudar.
Na minha escola vou aprender
A contar as histórias do meu povo
Semear as sementes do amanhã*

A Pedagogia do Capital projeta para a infância da classe trabalhadora um “futuro” como “trabalhador precarizado” ou “desempregado”, parte do “exército de reserva”, disponível para o trabalho explorado e necessário para o desenvolvimento das forças produtivas do capitalismo. No entanto, há resistências que visam construir uma educação contra-hegemônica, que vá para além do capital (MÉSZÁROS, 2008). A necessidade de construir um projeto educativo na perspectiva da emancipação humana, que se contraponha à ideologia burguesa, superando a relação capital-trabalho, é determinante para a formação da infância da classe trabalhadora.

As reflexões de Benjamin (2009) nos ajudam a conceber uma formação para as crianças, de modo a superar as contradições capitalistas, ao defender a necessidade de uma educação política desde a infância, sendo este um desafio para as organizações sociais e populares. Para tanto, é necessário construir um projeto de sociedade em que a formação das crianças articule o campo da arte, da cultura, da comunicação e da educação, como alicerces para as potencialidades na participação política desde a infância.

Nesse sentido, a educação forjada na luta pela terra empreendida pelo MST busca garantir que as crianças Sem Terrinha sejam participantes ativas e sujeitos de sua própria história. A realidade concreta é que possibilitou essa elaboração, já que, desde as primeiras ocupações de terra até hoje, as crianças sempre estiveram presentes na luta do Movimento. Assim, a existência de crianças acampadas, assentadas nas áreas do MST é um dos fatores que impulsionam a luta pela terra e por direitos, dentre eles a educação. Foi a necessidade objetiva de garantir escola de qualidade para as crianças e adolescentes que criou condições para que a Pedagogia do Movimento fosse forjada, a partir de erros, acertos, práticas, estudos e muita reflexão coletiva.

A Pedagogia do Movimento é fruto da materialidade e forma de organizar as ações historicamente desenvolvidas pelo MST desempenhando um papel formativo nas crianças, jovens, adultos e idosos que é vivenciado no processo da luta popular, na ocupação de terra, na vida no acampamento, nas marchas, atos e encontros, na conquista do assentamento, na organização coletiva, na produção de alimentos saudáveis e no estudo. Ao romper a cerca do latifúndio, reivindicando o direito constitucional da reforma agrária, conquista-se mais do que um pedaço de chão, as

¹⁰ No período de escrita do poema, ela tinha 14 anos de idade e era estudante da Escola Estadual de Primeiro Grau 25 de Maio, Assentamento Chico Mendes, Fraiburgo - SC

famílias Sem Terra - homens, mulheres, crianças - assumem-se como sujeitos de direitos e que, portanto, precisam romper outras cercas que os aprisionam, como a cerca da ignorância, da exploração do trabalho e do capital. Dessa maneira, entendemos que escola é mais que escola e que o trabalho é um princípio educativo essencial na formação de crianças, mulheres e homens.

Historicamente o MST recorreu ao acúmulo teórico-prático das experiências educativas desempenhadas pela classe trabalhadora mundial exercendo um processo de incorporação por superação no desenvolvimento e formulação da Pedagogia do Movimento (SAPELLI; LEITE; BAHNIUK, 2019). Constituíram como fontes fundamentais nesse processo a Educação Popular, em especial a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, a Pedagogia Socialista Soviética, sistematizada por autores como Pistrak, Shulgin, Krupskaya, Makarenko, e a educação cubana desde as experiências dos círculos infantis e a produção de José Martí (CALDART, 2015).

A partir das experiências educativas, o MST constatou um sentido amplo da educação no jeito de organizar e edificar a luta que permitiu conceber a formulação da Pedagogia do Movimento, que orienta a educação da infância Sem Terrinha, tendo a construção coletiva do processo de formação humana como cerne do projeto educativo do MST na luta pela humanização. Ao incorporar o trabalho como princípio educativo a Pedagogia do Movimento destaca matrizes formativas que estão presentes na constituição, na forma e nas ações do MST que são fundamentais na formação humana, sendo elas: o trabalho, a luta social, a organização coletiva, a história e a cultura. Nos processos educativos desenvolvidos pelas cirandas infantis, cursos, escolas, jornadas de luta das crianças Sem Terrinha, entre outros, as matrizes articuladamente adquirem intencionalidade pedagógica na organização dos ambientes educativos que combinam a dimensão criativa, política, cultural e artística na formação de crianças *lutadoras* do presente e *construtoras* do futuro na direção do projeto histórico assumido pelo MST (SAPELLI; LEITE; BAHNIUK, 2019).

Nos acampamentos e assentamentos do MST, as crianças aprendem, progressivamente, por meio de distintos ambientes educativos, a brincar, estudar, lutar, trabalhar e viver coletivamente, pois a construção de outro projeto de sociedade faz parte da *práxis* do MST. A luta e a coletividade são dimensões fundamentais para a formação desde a infância, já que a construção da Reforma Agrária Popular se propõe a forjar um ser humano com princípios organizativos, políticos, solidários, comprometido com a terra e com a vida.

Ao longo da história do MST, muitas ações foram desenvolvidas com as crianças, que proporcionaram uma identidade política à infância do MST, as “crianças Sem Terrinha”. Tais ações podem ser organizadas em três frentes de atuação: 1) a luta por escola nos assentamentos e acampamentos, que marcam a luta do Movimento desde a sua origem; 2) as mobilizações infantis, a partir de 1994; 3) a Ciranda Infantil, que foi oficializada em 1997.

A luta por escola no MST parte da defesa intransigente da educação pública, que deve dialogar com a realidade em que está inserida, ter condições estruturais e pedagógicas para garantir a participação de todos os sujeitos envolvidos no processo educativo. Portanto, a conquista de escolas públicas nos acampamentos e assentamentos, para disputar o sentido da educação oferecida à classe trabalhadora, só é possível com muita mobilização e luta por parte das famílias Sem Terra.

As mobilizações infantis, que culminam na organização anual da Jornada das Crianças Sem Terrinha, realizada em outubro, visam o fortalecimento da identidade Sem Terrinha e de construção da autonomia e organização infantil por meio de processos organizativos, articulados pela dimensão da confraternização, da arte e cultura, do estudo e da luta social. Nos encontros locais, regionais, estaduais e nacional, as crianças Sem Terrinha participam e constroem os espaços da brincadeira, do estudo de temas relevantes para a sua formação, vivenciam e experimentam diferentes formas de expressão cultural, além de lutar em defesa do direito das crianças do Brasil e do mundo.

Como parte desse processo de construir o Movimento desde a infância e concebê-la como espaço-tempo político-organizativo e formativo das novas gerações, destacamos a realização do 1º Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha, reunindo 1200 crianças e 300 educadores de 24 estados brasileiros em julho de 2018, em Brasília-DF, com o lema: “Sem Terrinha em Movimento: brincar, sorrir, lutar por Reforma Agrária Popular!”. Nos quatro dias de encontro, houve diversas e intensas formas de participação das crianças, nas plenárias, animação, marcha, místicas, oficinas, cantorias, brincadeiras, reuniões, viagem, espaços pedagógicos, equipes de trabalho, jornada socialista, passeio por Brasília e visita ao Ministério da Educação – MEC.

As crianças produziram um documento intitulado “Nossos Compromissos”, que reafirma e reivindica a criança como sujeito social que estuda, luta, brinca, constrói e participa das mudanças sociais. No Encontro, as crianças Sem Terrinha se comprometeram a:

Lutar pelos direitos das crianças e dos Sem Terra; Ensinar como é ser Sem Terrinha; Organizar as crianças nos acampamentos e assentamentos; Ter um espaço para ciranda para reunir as crianças; Ter reuniões das crianças nos acampamentos e assentamentos do MST. Com coordenadores crianças para elas se organizarem; Ter manifestação das crianças para lutar pelos nossos estudos e saúde, contra a violência e por alimentos sem agrotóxico; Os adultos Sem Terra, têm que ouvir as ideias das crianças; Organizar espaços de leitura; Ter noite cultural das crianças; Lutar por Escolas do Campo; Proteger as crianças de abusos e exploração sexual; Que o MST e as Crianças Sem Terrinha organizem encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha a cada 2 ou 3 anos (MST, 2018).

A Ciranda Infantil é o espaço de acolhida às crianças Sem Terrinha, organizada permanentemente em assentamentos, acampamentos, cooperativas e centros de formação, para garantir a participação das mães e pais nas atividades produtivas, políticas e formativas do Movimento. Também existe a Ciranda Itinerante, que acompanha os encontros, cursos, marchas, congressos, feira, a luta do MST, para que as mães e pais possam participar das atividades e as crianças estejam seguras, cuidadas e também tenham seu espaço de participação compatível com as suas necessidades. A Ciranda Infantil foi e é uma construção necessária para o fortalecimento da participação da mulher no MST, ao oferecer condições para a inserção política, produtiva e de escolarização. Portanto, o trabalho educativo com as crianças Sem Terrinha não está separado da luta pelo direito de participação das mulheres no Movimento. Hoje em dia, a Ciranda é entendida pelo MST e reivindicada pelas crianças como um direito de elas também poderem participar das atividades.

Essas experiências possibilitaram a sistematização de uma concepção de infância, construída pelo MST ao longo de seus 36 anos, que tem uma perspectiva histórica, dialética e crítica com base na realidade social, tema que será melhor explorado a seguir.

A INFÂNCIA SEM TERRA DURANTE A PANDEMIA: EM CASA, MAS NÃO EM SILÊNCIO

*Sou Sem Terrinha do MST
Acordo todo dia pra lutar, você vai ver!
Por terra, por escola, saúde, educação
Desse meu direito, eu não abro mão!¹¹*

Como brincar, sorrir e lutar no contexto de pandemia? A realidade dos acampamentos e assentamentos do MST sempre foi de muita luta para conquistar a terra, produzir e reproduzir a vida em territórios da reforma agrária, resistindo às

¹¹ Trecho da música "Cantando com Sem Terrinha", de autoria coletiva, composta e gravada com as Crianças Sem Terrinha do estado Rio de Janeiro no CD Plantando Ciranda 3 (MST, 2014).

investidas do capital sobre o campo brasileiro. O contexto de pandemia tem atravessado o cotidiano das famílias assentadas e acampadas e as crianças sentem na pele os impactos dessas contradições.

Para mitigar os riscos de contágio, o MST tem proposto uma “quarentena produtiva” “em casa, mas não em silêncio”, com o objetivo de produzir alimentos saudáveis para serem compartilhados¹² com a população urbana durante a pandemia. Nesse momento em que o risco de fome e de miséria é tão grande quanto o do vírus, a proposição de um plano de emergência para a agricultura familiar e camponesa se faz urgente, fortalecendo a luta pela reforma agrária no país, e a agricultura familiar e camponesa, responsável por 70% da produção de alimento no Brasil. Portanto, as crianças Sem Terrinha têm vivenciado, com suas famílias, as atividades de casa, da produção agrícola, do cuidado com os bichos, bem como, acompanhado as aulas remotas, onde é possível.

Para produção desse artigo, em diálogo com alguns educadores e educadoras do MST, que estão em contato com Sem Terrinha, compartilhassem depoimentos das crianças de acampamentos e assentamentos, através de áudios e com autorização dos responsáveis. Um desses relatos é de uma Sem Terrinha de 10 anos de idade, que está na casa de sua avó durante a quarentena, “na roça”, em um assentamento no interior de São Paulo, embora viva na capital, explica-nos o que tem feito nesse período:

De manhã e a noitinha, às vezes, estudo, brinco. Faço várias coisas. [...] Brinco com as minhas primas, meus irmãos. Ando de cavalo, ajudo na horta. Eu estou sentindo uma experiência diferente é um negócio que a gente nunca viveu e a gente está ainda entendendo que é grave demais. Quando sai de casa tem que usar máscara, lavar bem as mãos, usar álcool em gel, o máximo de proteção. A gente está entendendo e respeitando a quarentena. É uma sensação bem diferente. A gente fica muito tempo em casa. Porque, normalmente, a gente vai para escola, vai pra lugares e agora a gente está em casa, né? É uma experiência legal, porque a gente pode fazer muitas coisas em casa, mas é também uma experiência ruim, porque tem muitas coisas que não pode fazer em casa.

A fala dela ilustra a importância da experiência social, da relação com a natureza, com os fazeres na sociedade e o reconhecimento de classe do lugar da criança e de sua formação. Apesar da sociedade capitalista, em que as relações são mediadas por interesses mercadológicos, individualista e de competição, o MST forja uma pedagogia que tem como materialidade a realidade concreta da vida na luta pela terra, proporcionando às crianças pensar desde o seu lugar, imaginar, refletir e criar desde a

¹² Até o dia 09 de setembro somavam-se 3.400 toneladas de alimentos doados em todo Brasil como gesto de solidariedade de classe.

condição de crianças da classe trabalhadora, no caso, as crianças camponesas – Sem Terrinha.

Outra Sem Terrinha, de 9 anos de idade, que mora em um assentamento paulista, faz questão de se referir com sua identidade política, enquanto reflete sobre esse momento:

Falo como Sem Terrinha do assentamento. Estou bem, estudando, vendo videoaula, mas também estou esperando que o coronavírus passe, que inventem uma nova vacina pra isso acabar logo. Isso nunca acaba, nunca acaba...eu quero que tudo volte ao normal. Que abra as lojas, as escolas pra gente voltar estudar.

Ela relata sua rotina e a impressão de que a pandemia “nunca acaba”. Mesmo morando no assentamento, em que ela tem espaço pra brincar e onde os riscos de contágio podem ser menores do que nos centros urbanos, ela deseja que “tudo volte ao normal”. A mudança abrupta no cotidiano e as restrições que o isolamento social exige favorecem que ela deposite suas esperanças na invenção de uma vacina, para que a normalidade volte a reinar.

Nesse sentido, as crianças percebem todas as mudanças na rotina, a ausência das aulas presenciais, as dificuldades com o ensino remoto, além de ficarem preocupadas com tudo que está acontecendo. A pandemia, o risco de contágio, o número crescente de mortes e o isolamento social são compreendidos por elas como algo “grave”. Apesar disso, é possível identificar aspectos positivos, como a possibilidade de poder brincar com irmãos e primos.

Uma criança Sem Terrinha, de 5 anos de idade, que está em um assentamento de São Paulo, quando perguntada como está sendo sua quarentena, respondeu que está se cuidando, brincando muito com seu irmão, mas que iria fazer uma música: “*Abelhinha pintadinha, boazinha./Ela toma, ela pega o necto da florzinha./ Ela transforma ele em mel./Dá pra tomar com o chazinho, zinho, zinho*”.

As crianças no MST são estimuladas em seu processo de formação a serem críticas e criativas, inventivas e viverem a coletividade. Elas vivenciam a experiência e, quanto mais repertório essa experiência oferece, mais ricas são as possibilidades de criação, de abstração e de fantasia das crianças (VIGOTSKI, 2018, p. 21-26).

O Sem Terrinha que vive em outro assentamento de São Paulo, relata que com a pandemia ele tem se sentido meio triste, chateado, desanimado. “*Porque quando ia para a escola era legal*”. No dia a dia, ele tem brincado, feito tarefa, assistido TV, tratado dos bichos e ajudado sua mãe. Segundo ele:

[Antes] A gente tinha atividades. Isso mudou muito minha rotina. Eu sinto falta dos meus amigos da escola, porque na escola a gente brincava e se divertia

mais. Sobre as aulas remotas? As aulas remotas, está mais ou menos. Eles acham que está sendo como aula de dia normal na escola, mas não está sendo. Eles mandam 3 folhinhas para fazer por dia e não é como uma aula normal na sala de aula. Na sala de aula, a professora pergunta pra gente, ela fala se está certo ou errado e a gente brinca bastante.

Ele reforça os impactos do ensino remoto na sua vida, indicando a importância das relações sociais no processo escolar. A aprendizagem possível na escola está para além da mera socialização de conteúdos curriculares, mas passa pela interação, brincadeiras, atenção da professora ao indicar “se está certo ou errado”. Por isso, ele e muitas outras crianças têm considerado essa modalidade de ensino “mais ou menos”.

Durante a suspensão das aulas presenciais, as crianças do MST estão estudando de acordo com as condições dadas pelas políticas de cada estado. Como foi apresentado acima, em alguns casos, foram contratados pacotes tecnológicos, mas muitas famílias do campo não têm acesso à *internet*. Em alguns lugares, o ensino se dá por videoaulas gravadas ou transmissões em tempos real, aplicativos de celular e plataformas de ensino virtuais, em outros, educadoras e educadores se deslocam para levar as atividades até a casa das crianças.

Nas reuniões realizadas pelo setor de educação do Movimento, as professoras e professores das escolas de acampamentos e assentamentos indicam que também têm se desdobrado para tentar oferecer aulas minimamente aceitáveis nesse período, preocupações sintetizadas em documento, intitulado “Alerta! Orientações políticas para o debate sobre o Calendário Escolar e Educação a Distância em tempos de pandemia”, que circulou entre os integrantes do setor (MST, 2020). Mas as dificuldades são grandes, no que tange ao acesso à *internet*, à habilidade de estudantes e professoras na apropriação dos recursos tecnológicos, à necessidade de que o processo de ensino deve ser mediado por adultos, em geral, mães, que nem sempre estão aptos a ajudar com os recursos ou dominam o conteúdo ensinado.

Diante destas circunstâncias, o Setor de Educação do MST tem orientado educadores, educadoras e famílias dos acampamentos e assentamentos sobre a importância da comunicação entre a escola e as e os estudantes, para manter o vínculo e orientar, com a devida segurança sanitária, a realização de atividades criativas, no campo da arte, da cultura, da literatura, da música, de programas de rádios e de várias outras formas.

O MST defende a suspensão do calendário escolar e a sua reorganização pós-pandemia. Para tanto, recomenda às famílias e escolas denunciar ao Ministério Público as violações de direitos, como a substituição dos dias letivos por atividades remotas.

Entretanto, propõe ações para estimular os aprendizados, a fim de desenvolver condições de enfrentamento às dificuldades geradas com a pandemia, além de promover a conscientização e a resistência nas áreas de reforma agrária ao modelo educacional precarizado expresso pelo ensino remoto. No contexto educacional, período em que se aprofunda a mercantilização da educação pública brasileira, como resistência ao projeto hegemônico, o MST vem desenvolvendo várias ações com os professores, educadores de assentamentos e acampamentos.

A fim de tentar articular educadoras e educadores das escolas do MST de todo Brasil, foi criado o grupo de *WhatsApp*, chamado de “MST ZAP Escola”, organizado por grande região do Brasil¹³. Nele, são vinculadas mensagens, áudios, campanhas, vídeos, textos, divulgadas *lives*, cursos e outras atividades que serão realizadas pelo Movimento. Dessa maneira, espera-se compartilhar informações e materiais que possam contribuir com as educadoras e educadores na sua formação, na preparação de aulas e na participação da luta do MST.

Durante a pandemia, o Movimento estimula a formação política de sua militância, por meio da realização de cursos e grupos de estudos. Nesse sentido, o setor de educação organizou o Grupo de Estudos “Reforma Agrária Popular e Educação”, que visa dar continuidade ao processo de formação teórica e política da militância do setor, das educadoras e educadores das escolas do campo, por meio de encontros *onlines*, leitura e debate.

Em janeiro de 2020, o MST lançou o Plano Nacional “Plantar Árvores, Produzir Alimentos Saudáveis”, que tem objetivo de plantar 100 milhões de árvores em 10 anos. A proposta visa a recuperação de territórios degradados e a produção agroecológica e agroflorestal. As crianças e escolas dos acampamentos e assentamentos do Movimento participam ativamente dessa iniciativa. Com a pandemia, o plantio de árvores entre outras atividades que estimulam a criação, invenção e fortalecimento da participação das crianças Sem Terrinha estão sendo organizadas nos acampamentos e assentamentos, como lugares de produção da vida, do cuidado e de esperança.

Outra iniciativa foi o “Desafio Sem Terrinha Desenhando na Quarentena”, atividade que envolveu o conjunto das famílias Sem Terra, em que foi proposto um tema para que as crianças desenhassem para cada dia do mês de maio. Nesse momento em que estão em casa, a possibilidade de exercitar a imaginação e a criação na infância,

¹³ Regiões: Amazônica, Sul, Sudeste, Centro Oeste e Nordeste.

a partir das experimentações de formas, cores, texturas, tamanhos, foi muito bem acolhida pelas crianças.

Figura 3: Card de divulgação do “Desafio Sem Terrinha Desenhando na Quarentena”, com os temas de cada dia. **Figuras 4, 5, 6 e 7:** desenhos de crianças de diferentes idades e diversas partes do Brasil, sobre os seguintes temas, respectivamente, “Distantes mas unidos”, “Brincando no quintal e, os dois últimos, “Saudades de quem?”



Fonte: (Arquivo MST).

Nos 31 dias de desafio, os temas eram enviados às educadoras e educadores das escolas do campo, via MST ZAP Escola, para que chegassem diretamente às crianças. Os desenhos permitiram a expressão de diversos sentimentos, impressões e desejos, garantindo um envolvimento significativo das meninas e meninos, bem como das educadoras e educadores. Diferentes dimensões da vida no acampamento ou assentamento foram abordados e estão presentes nos desenhos infantis, como o cuidado da natureza, o trato dos animais, das plantas, o plantio de árvores etc.

Além das artes plásticas, o MST se desafia a fortalecer a literatura na vida das crianças. Para tanto, ações de diversas naturezas foram realizadas para estimular a leitura e a fruição literária desde a infância. A Campanha “Pelo Direito à Literatura nas Escolas do Campo”, segue a todo vapor durante à pandemia, a fim de arrecadar livros para as bibliotecas escolares dos assentamentos e acampamentos.

A escritora Júlia Medeiros tem contado histórias e desafiado as crianças Sem Terrinha no “Desafio da Literatura”. A cada vez, um livro de uma região brasileira diferente é lido e, ao final, ela propõe um desafio literário às crianças e adultos. Já foram trabalhadas as histórias: “A Avó Amarela”, da própria autora e “Exercícios de ser criança”, de Manoel de Barros.

Além disso, a poesia, o cordel, a música e os contos estão presentes em uma série de áudios compartilhados por *WhatsApp*, chamados de “Bom dia, MST”, em que todos os dias, são tratados temas diferentes, como cuidados com a saúde, produção agroecológica, formas de combate à violência doméstica, histórias e brincadeiras infantis. O Radinho do Brasil de Fato¹⁴ – BdF, podcast semanal transmitido pela Rádio Brasil de Fato, também conta com a participação das crianças Sem Terra e da cidade.

As crianças também participam de programas de rádios comunitárias espalhadas por assentamentos e acampamentos, como é o caso da Rádio Camponesa, da região sudoeste paulista, interior de São Paulo, que realiza programação semanal conduzido pela professora do assentamento, com participação das crianças Sem Terrinha. As crianças estão ocupando com sua voz a comunicação infantil do MST.

As crianças Sem Terrinha participaram de *lives*, organizadas pelo MST para relatar como estão enfrentando esse período, quais as dificuldades e descobertas desse período. No dia 28 de abril de 2020, Maria Julia, Sem Terrinha do MST do Ceará e Flavinha Teresa, do Setor de Educação do Pernambuco, participaram do Programa Quarentena Sem Terra, para debater o tema “Infância Sem Terra e o isolamento social”, que foi transmitido ao vivo pelo *Instagram* do MST.

Na ocasião, foi possível verificar as dificuldades de acesso à *internet* que as crianças enfrentam no campo. Em muitas áreas, não há sinal de celular, sendo preciso se deslocar para a escola ou para a cidade para acessar à *internet*. Quando há sinal, muitas famílias só têm acesso pelo pacote de dados móveis de celular, não dispendo de banda larga para uma conexão de qualidade.

Esse foi o caso de Maria Julia, que está na casa da avó em um quilombo durante a pandemia. Ela teve muita dificuldade de se conectar para participar da *live*, pois o seu acesso era por meio de dados móveis de celular. Ela demorou para conseguir conexão, quando foi possível, o sinal estava instável, caindo muitas vezes durante a *live*. Mesmo assim, o programa tratou de um tema muito relevante e apontou a realidade nesse período: a exclusão digital presente no campo e na cidade.

Outra *live* que contou com a participação de meninos e meninas dos acampamentos e assentamentos do Movimento foi “Café com o MST”, que discutiu sobre “As crianças Sem Terrinha e o direito de brincar e viver no campo”. O programa foi transmitido nas redes sociais em 19 de maio. As crianças do Acampamento Marielle Vive do município de Valinhos – SP não puderam estar ao vivo, por problemas com o

¹⁴ Transmitido pela Rádio Brasil Atual: 98,9 FM na Grande São Paulo, 93,3 FM na Baixada Santista e pela Rádio Brasil de Fato: *online*, direto no site do BdF <https://bit.ly/3cNbQag>

acesso à *internet*, mas deixaram o seu recado, por meio de palavras de ordem, em gravação exibida durante a *live*. Além delas, o Sem Terrinha Devdy, de 9 anos de idade, declamou o cordel “Ser Sem Terrinha” de autoria do seu pai durante o programa. Os dois são assentados no sertão de Pernambuco e foram até a escola para ter acesso à *internet*.

Outra criança que participou foi Clara, de 12 anos de idade, que vive em um acampamento e estuda em uma Escola Itinerante no município de Porecatu no Paraná. Para conseguir se conectar à *internet*, ela teve que ir para a cidade. Durante a *live*, ela relatou que:

Minha quarentena Sem Terrinha, além disso que tá acontecendo no mundo, com o coronavírus, muitas pessoas morrendo, não poder estudar, falar com o professor pessoalmente, tá sendo boa. Eu tô ajudando minha irmã a fazer as atividades dela, faço as minhas, tento escrever música, que eu tenho o sonho de ser cantora. Tento tocar meu violão, que eu tô aprendendo.

Além de compartilhar seu sonho de ser cantora, ela leu uma poesia escrita por ela durante a pandemia, intitulado “Como é bom morar no campo e ter alimento com sabor de luta”:

*Hummm! Que cheirinho de milho verde,
Que cheirinho de feijão!
Mas você já parou pra pensar de
Onde vem a nossa alimentação?
Há pessoas na cidade grande que não
Conhecem o campo e muito menos uma
Vaquinha, por isso acha que o leite vem
De dentro da caixinha!
Aqui no acampamento Sem Terra meu pai
Planta mandioca, abóbora e melão para
Minha família ter uma boa alimentação!*

*Já vi gente falar que adora milho enlatado
Já escutei alguém dizer que na indústria ele é
fabricado
Mal sabe essas pessoas que aqui na terra ele foi
plantado
E que pra chegar a sua mesa muito suor foi
derramado!
A comida aqui no campo tem sabor de luta e
Resistência! se continuarmos a produzir nunca
vamos
Passar fome! Vamos levar mais a sério aquele
ditado
"Você é o que você come."*

As crianças Sem Terrinha também foram convidadas a participar de um encontro internacional com crianças do Chile, Peru e Argentina, na *live* “*Voces de la niñez de América Latina en Movimiento*”, realizada em 13 de junho pela organização chilena La Otra Educación. No encontro, as participantes conversaram sobre como as crianças das classes populares latino-americanas estão vivenciando a quarentena. Na *live*, foi possível perceber que a pandemia tem afetado diretamente a vida das crianças, mas que elas encontram jeitos de aproveitar coisas boas desse período, brincando e se divertindo também.

Figuras 8, 9 e 10: cards das *lives* que as crianças Sem Terrinha participaram, “Programa Quarentena Sem Terra”, “Café com MST” e “Voces de la niñez de América Latina en Movimiento”.



Fonte: (MST, 2020; La Otraeducacion, 2020)

As crianças Sem Terrinha, mais uma vez, tiveram que se deslocar para ter acesso à *internet*. O Sem Terrinha Eros do Pará, e a educadora Ayala que fez a tradução, tiveram que se deslocar até a cidade de Marabá para participar. Já a Sem Terrinha Elloá de São Paulo, juntamente com Lourdes educadora que fez a tradução, foram para a casa de uma amiga para se conectar. A dificuldade de acesso à *internet* é uma realidade concreta da população do campo, que juntamente com problemas de acesso à educação, saúde e transporte público, representam algumas das desigualdades que enfrentam historicamente.

Com cultura, arte, literatura, cuidados a saúde e combate a qualquer forma de violência, o MST faz a luta pela terra, produz alimento saudável de forma agroecológica, visando acabar com as desigualdades. Desse modo, a solidariedade é uma marca das ações do MST, que compartilha sua produção com a população da cidade, buscando materializar um projeto de sociedade que deve ser construído desde a infância, juntamente com as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Sem Terrinha em Movimento:
Brincar, sorrir, lutar por Reforma Agrária Popular!*

As crianças Sem Terrinha mesmo em meio à pandemia com todas as dificuldades, estão brincando, sorrindo e lutando, em casa, mas não em silêncio. Estão oferecendo continuidade no exercício da organização infantil por meio da prática criativa, crítica, política, pedagógica e artística como forma de esperar e combater as mazelas sociais das políticas neoliberais que são aprofundadas pela pandemia.

O Manifesto das Crianças Sem Terrinha de 2018 preserva uma atualidade nesse sentido quando anunciam que “lutamos para ser feliz! Ser criança é ser feliz, pra ser feliz tem que brincar pra brincar tem que sorrir, pra sorrir tem que lutar [...]”. Esse tem sido o princípio de enfrentamento às crises aglutinadas em meio à pandemia sem perder a capacidade de sonhar e lutar coletivamente.

A participação criativa e crítica das crianças Sem Terrinha nos processos formativos em meio a pandemia tem permitido, não sem limites, nutrir a condição humana das crianças, ativa e criativamente participarem, construir e lutarem por mudanças sociais em sua vida sem perder de vista o universo infantil.

Certamente esse momento proporcionará muitas reflexões sobre os fazeres educativos, mas principalmente nos convoca a pensar em ações para a luta coletiva e a construção do projeto de emancipação humana.

REFERÊNCIAS

APP. Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná. **Ratinho reajusta em 200% valor de contrato feito sem licitação para ensino a distância que não funciona**. Disponível em: <https://appsindicato.org.br/ratinho-reajusta-em-200-contrato-sem-licitacao-feito-para-ensino-a-distancia-que-nao-funciona/> Acesso em: 15 jul. 2020.

AVELAR, Marina. **Educação e COVID-19: cenário para o avanço da privatização?**. Campanha Nacional pelo Direito à Educação, 2020. Disponível em: <https://campanha.org.br/analises/marina-avelar/educacao-e-covid-19-cenario-para-o-avanco-da-privatizacao/> 04 jun. 2020. Acesso em: 19 jul. 2020.

BANCO MUNDIAL. **Aprendizagem para todos**. Estratégia 2020 para a Educação do Grupo Banco Mundial. Resumo Executivo. Washington, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo, a educação**. Editorial 34, São Paulo, 2009.

CALDART, Roseli Salete. Pedagogia do Movimento e Complexos de Estudo. In: SAPELLI, Marlene; FREITAS, Luís Carlos. (org.). **Caminhos para a transformação da escola 3** – organização do trabalho pedagógico nas escolas do campo: Ensaio sobre Complexos de Estudo. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

DARDOT, Pierre. LAVAL. Christian. **A nova razão do mundo**. Ensaio sobre a sociedade Neoliberal. Ed. Boitempo, São Paulo, 2016.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1998.

EVARISTO, Conceição. Pedra, pau, espinho e grade. In: EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FONEC. Fórum Nacional de Educação do Campo. **Pela Reorganização Do Calendário Escolar Sem Ensino Remoto**: Em Defesa Do Direito À Educação Do Campo. 2020.

FREITAS, Luiz Carlos. **A reforma empresarial da educação**: nova direita, velhas ideias. São Paulo: Expressão Popular, 2018. 160 p.

FREITAS, Luiz Carlos. Os empresários e a política educacional. In: **II Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária**. Boletim da Educação. Número 12. Edição Especial – Expressão Popular. 2014.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, Vol. 2, 2001.

GRAMSCI, Antônio. Cadernos do cárcere. **Maquiavel**: Notas sobre o Estado e a política, volume 3. Edição e tradução de Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Volume 3, 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LAOTRAEDUCACION. **Voces de la niñez de América Latina en Movimiento** [2020]. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBPDGe2JD1E/?igshid=jdeasyd1qwsu> Acesso em: 13 set.2020.

LEHER, Roberto. Organização, estratégia política e o Plano Nacional de Educação. In: **II Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária**. Boletim da Educação – Número 12. Edição Especial – Expressão Popular. 2014.

LUI MC; ZAMURA, Diego; MULLER, John. **Pedagogia da Pandemia** [2020]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VGMqFQvcJPY>. Acesso em: 16 set. 2020.

MARTINS, André Silva; NEVES, Lúcia Maria Wanderley. Pedagogia do Capital. In: CALDART, Roseli *et al.* (org.) **Dicionário da Educação do Campo**, RJ/SP, EPSJV/Expressão Popular, 2012.

MESZÁROS, Istvan. **Educação para além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

MST. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Alerta! Orientações políticas para o debate sobre o Calendário Escolar e Educação a Distância em tempos de pandemia**. Documento para debate. Setor de Educação Nacional do MST – São Paulo – SP, abril de 2020.

MST. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Nossos Compromissos**. 1º Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha. Brasília, 2018. Disponível em: <https://mst.org.br/2018/07/24/queremos-que-todas-as-criancas-possam-ser-felizes-e-livres-afirma-manifesto-das-criancas-sem-terrinha/> Acesso em: 14 jul.2020.

MST. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Cantando com Sem Terrinha**. Plantando Ciranda 3. São Paulo [2014]. 1 disco sonoro (52 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7KYtn2xK5Sg>. Acesso em 16 set. 2020.

NASCIMENTO, Milton; BASTOS, Ronaldo. **Nada será como antes**. São Paulo: Universal Music [1972]. Disponível em:

https://open.spotify.com/track/3o3fm0en7kMOBzR1YgKNFS?si=WLL_VshVQ3K3ySbga6JtXQ. Acesso em 02 ago. 2020.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley (org.). **A nova pedagogia da hegemonia**: estratégias da burguesia brasileira para educar o consenso na atualidade. São Paulo: Xamã, 2005.

NICHOLLS, Clara Inés.; ALTIERI, Miguel. **A agroecologia em tempos de Covid-19**. Brasil de Fato. Abril de 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/01/artigo-a-agroecologia-em-tempos-de-covid-19> Acesso em: 15 jul. de 2020.

NOVAES, Henrique Tahan; OKUMURA, Júlio Hideyshi. **A tragédia educacional brasileira no século XX**: diálogos com Florestan Fernandes – Marília: Lutas Anticapital, 2020. 169 p.

OXFAM. **Quem Paga a conta?** Taxar a riqueza para enfrentar a crise da covid-19 na América Latina e Caribe. Julho de 2020. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/quem-paga-a-conta/> Acesso em: 01 ago. 2020.

RAMOS, Márcia Mara. **Educação, Trabalho e Infância**: Contradições, Limites e Possibilidades no Movimento dos trabalhadores Sem Terra. (Dissertação em Educação) Campinas: UNICAMP, 2016.

REZENDE, Janaína Ribeiro de Rezende. **Educação medicalizada e infância**: histórias vividas por famílias da classe trabalhadora em uma UBS de São Paulo. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

ROSENMANN, Marcos Roitman. **Las Pandemias que no se combaten en América Latina**. 27 jul. 2020. Disponível em: <https://goshe.com/la-haine-es/marcos-roitman-rosenmann/las-pandemias-que-no-se-combaten-en-amrica-latina/80264883>. 27 de jun. 2020. Acesso em: 28 de julho de 2020.

SAPELLI, Marlene Lucia Siebert; LEITE, Valter de Jesus; BAHNIUK, Caroline. **Ensaio da Escola do Trabalho na luta pela terra**: 15 anos da Escola Itinerante no Paraná. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

SOUZA, Rosane de. **História de uma criança Sem Terra**. Disponível em: <http://www.landless-voices.org/vieira/archive-05.php?rd=STORYOFA384&ng=p&sc=1&th=15&se=0>. Acesso em 02 ago. 2020.

TIC **KIDS ONLINE BRASIL** 2019. Disponível em https://cetic.br/media/analises/tic_kids_online_brasil_2019_coletiva_imprensa.pdf Acesso em: 23 Jul. 2020.

TIC **Educação 2018**. Disponível em: <https://cetic.br/pesquisa/educacao/indicadores/> Acesso em: 13 jul.2020.

TRICONTINENTAL. Coronachoque: um vírus e o mundo. **Dossiê nº 28** - Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, maio de 2020.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Webinário discute educação durante a pandemia do novo coronavírus**. Disponível em:

<https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/Webinario-discute-Educacao-durante-a-pandemia-do-novo-coronavirus>, 8 abril 2020. Acesso em: junho de 2020.

UNICEF. **Covid-19**: Número de crianças vivendo na pobreza pode aumentar em até 86 milhões até o final do ano. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/covid-19-numero-de-criancas-vivendo-na-pobreza-pode-aumentar-em-ate-86-milhoes>. Acesso em 16 set. 2020.

UNICEF. **Relatório Pobreza na Infância e Adolescência**. Disponível em: <http://www.tratabrasil.org.br/uploads/pobreza-infancia-adolescencia.pdf>. 13 de ago. 2018. Acesso em: 15 jul. 2020.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância**. Ed. Expressão Popular, São Paulo, 2018.

NOTAS

AS CRIANÇAS SEM TERRINHA E O ENFRENTAMENTO À PANDEMIA DE COVID-19: COMO BRINCAR, SORRIR E LUTAR NESSE CONTEXTO?

The landless children and coping with the covid-19 pandemic: how to play, smile and fight in this context?

Márcia Mara Ramos

Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
Setor de Educação do MST
marciapterra@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6698-0169>

Valter de Jesus Leite

Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE
Setor de Educação do MST
valterleitemstpr@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3896-1654>

Janaína Ribeiro de Rezende

Doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo - USP
Universidade Federal do Tocantins - UFT, Tocantinópolis, Brasil
Setor de Educação do MST

janaina.rezende@mail.uft.edu.br

<https://orcid.org/0000-0001-7971-4097>

Endereço de correspondência do principal autor

Rua Aristides Lobo, 171, casa 802. CEP. 20.250-450, bairro Rio Comprido, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos as crianças Sem Terrinha e a incessante luta do MST pela humanização.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: Todos os autores contribuíram substancialmente

Coleta de dados: Todos os autores contribuíram substancialmente

Análise de dados: Todos os autores contribuíram substancialmente

Discussão dos resultados: Todos os autores contribuíram substancialmente

Revisão e aprovação: Todos os autores contribuíram substancialmente

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Márcia Mara Ramos: bolsista da FAPERJ - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro- FAPERJ/Brasil. Processo nº E-26 / 202.592/2018 (240286).

Valter de Jesus Leite: bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes, Brasil. Processo nº 88882.449079/2019-01 do Programa DS.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 28-09-2020 – Aprovado em: 25-11-2020